

LITERATURA MEDIEVAL

Volume IV

ACTAS DO IV CONGRESSO
DA
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de
AIRES A. NASCIMENTO
e
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

Lisboa
1993

© 1993, **EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL**

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte
Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: **EDIÇÕES COSMOS**

1ª edição: Maio de 1993
Depósito Legal: 63841/93
ISBN: 972-8081-07-3

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)
Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMÓS

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01
Fax: 347 82 55

As «Coplas del Menesprecio y Contempto de las Cosas Hermosas del Mundo» do Condestável D. Pedro: a Vertente Didáctica da Poesia Palaciana do Século XV

Teresa Castro Rodrigues

Universidade Nova de Lisboa

O Condestável Dom Pedro, filho do Infante Dom Pedro, Duque de Coimbra, morto em Alfarrobeira, pertence à segunda geração da casa de Avis e continua, como seu pai, seu tio D. Duarte e seu avô D. João I, uma tradição familiar de gosto pelas letras que privilegia o carácter pedagógico da literatura.

É, no entanto, o primeiro membro da casa de Avis a aventurar-se fora dos domínios exclusivos da prosa, cultivando quer a poesia narrativa e didáctica entremeada com prosas explicativas, quer a poesia lírica de carácter palaciano. Do mesmo modo lhe pertence o para os portugueses duvidoso mérito de ter introduzido na literatura portuguesa o bilinguismo a que quase todos os poetas recorrerão até ao século XVII, com raras excepções como a de Ferreira, e chega até a utilizar o catalão, bem como o latim, na epistolografia.

Não obstante, a sua obra é a menos conhecida das dos Príncipes de Avis. António José Saraiva e Oscar Lopes apenas o referem como «grande colecionador de livros» e destinatário da famosa Carta-proémio do Marquês de Santilhana¹. Este esquecimento deve-se a vários erros na atribuição da autoria de diversas obras suas, ao desconhecimento de outras até finais do século XIX, e à escassez dos manuscritos sobreviventes, alguns publicados dispersamente, em edições há muito esgotadas, nos finais do século XIX. Só em 1975 as suas obras foram editadas ou reeditadas quase totalmente, com a excepção da maioria das cartas da Catalunha, por Luís Adão da Fonseca.

D. Pedro nasce em 1429, primogénito do Infante Dom Pedro, Regente do reino durante a menoridade de D. Afonso V, e de Dona Isabel de Aragão. Em 1443 sucede a seu tio D. João como Condestável. Também em 1443, por morte de seu primo D. Fernando, 1º Duque de Beja, é nomeado Mestre de Avis. Em 1445 é armado cavaleiro pelo Infante D. Henrique antes de partir, à frente de tropas portuguesas, para Castela para ajudar D. João II e Alvaro de Luna contra o Infante D. Henrique de Aragão e o rei de Navarra. Chega já depois da batalha de Olmedo, mas conhece o Marquês de Santilhana. A morte de seu pai em 1449 afasta-o dos altos cargos que possuía e leva-o ao exílio. O perdão de D. Afonso V permite-lhe o regresso em 1457 e o reaver de bens e funções. Acompanha o rei nas campanhas africanas. Em 1463 delegados do povo aragonês vão a Ceuta oferecer-lhe o trono de Aragão e o o título de Conde de Barcelona. Aceita a coroa e intitula-se rei de Aragão, Sicília, Valença, Maiorcas, Sardenha e Córsega. Ficou conhecido para a história como o Rei Intruso de Aragão. Em 1466 é derrotado em Grenollers e morre tuberculoso.

A sua primeira obra é a *Sátira de Infelice e Felice Vida*, primeiro escrita em português e depois traduzida para castelhano entre 1449 e 1453. É uma novela alegórica em prosa que tem como modelo o *Siervo libre de amor* de Juan Rodríguez del Padron.

Entre 1453 e 1455 escreve as *Coplas del Menesprecio y Contempto de las cosas fermosas del mundo*, publicadas sem as prosas na *Cancioneiro Geral* e que, até 1875, foram atribuídas a seu pai, o Infante Dom Pedro.

A sua obra mais acabada, a *Tragedia de la insigne reina Dona Isabel* data de 1457. C.M.V. apelida-a de «auto-consolatória»² pois, apesar do título, é uma autobiografia psicológica das emoções que lhe causou a notícia da morte de sua irmã. É um tratado de filosofia moral escrito

em castelhano. É visível a influência do universo de Dante e inclui poesias líricas que o aligeiram.

É autor de 9 poemas líricos à maneira da poesia palaciana do século XV, 4 dos quais vêm publicados no *Cancioneiro Geral* mas estão atribuídas ao rei D. Pedro I. O poema que começa com *Buen deseo me embya* assinala a morte definitiva do galego-português como língua lírica da península e inaugura um período de quase dois séculos de bilinguismo literário.

É também autor de várias cartas.

Chegaram ainda até nós o seu testamento, o catálogo da sua importante livreria e o índice da sua colecção de moedas.

As *Coplas del Menesprecio e Contempto de las cosas fermosas del Mundo* são constituídas por 125 coplas de 8 versos de arte maior, num total de 1000 versos. As coplas estão entremeadas com prosa que dá mais informações sobre as cerca de 90 personagens reais, mitológicas ou sagradas citadas no corpo das estrofes como encarnação de determinados valores, positivos ou negativos.

As *Coplas* representam uma evolução do conceito de poesia tal como existia nos cancioneiros galaico-portugueses. A poesia já não é apenas vista como mero entretenimento, passa a desempenhar outra função para além da lúdica, pretende também ser útil, ou seja, adquire uma função didáctica. O escritor aspira a uma dignidade maior que a de trovador, seguindo a teoria da Carta-prémio de Santilhana, aspira a ser poeta.

Esta extensa composição é antecedida por uma Dedicatória. É dirigida a D. Afonso V e a maior parte do texto é ocupada com o panegírico bastante desmesurado deste, o que em parte se explica por um dos objectivos indirectos desta obra consistir, precisamente, na captação da boa vontade real, que permitiria ao autor regressar do exílio e recuperar bens e dignidades. Logo na Dedicatória, D. Pedro dá notícia da sua erudição clássica referindo obras de Boccaccio, Aristóteles, Salomão e Séneca e comparando as virtudes reunidas em D. Afonso V às dispersas em Catão, Alexandre, Fisicrato, Pirro, Marco Marçelo, Diógenes, Constantino Magno, São Luís e David.

É importante para o estudo da mentalidade de D. Pedro a recolha das virtudes existentes e dos vícios ausentes em D. Afonso V, que, mais do que um homem, é apresentado ao leitor como um governante perfeito, um rei em que, ao contrário do habitual, os actos correspondem ao seu real estado. As virtudes realçadas são o «conçeyo», a «magnanimidad», a «humildat», a «templança» e a «pudiçia». Os vícios mais temidos nos príncipes são a «yra», a «cobdicia» e a «avariçia». Homem que vive de acordo com estes valores morais é livre apesar da sua riqueza, pois a ela não se deixa submeter.

Na Dedicatória refere ainda as condições de escrita do poema. Não apenas as circunstâncias e local onde lhe ocorreu este projecto, fruto também da sua vocação para as letras desde a adolescência, mas também as condições físicas do acto de escrever — o movimento da mão sobre o papel branco.

Termina com mais um pedido ao leitor e ao rei de benevolência para com esta sua «obresilla».

O estilo é vivo pois contém bastantes marcas de oralidade. O autor dirige-se frequentemente ao leitor, a quem trata por tu, através de várias interrogações retóricas, chegando a imaginar a resposta às suas hipotéticas objeções. Há uma clara consciência de que o poema se destina já a ser lido por uma elite culta, e não a ser cantado ou tão somente ouvido. O resultado é que o leitor se sente envolvido no discurso. O objectivo declarado é o de «menospreçar las cosas fermosas del mundo e a demonstrar la su vana e feble beldad», pretendendo também alcançar a «correçion de vicios e loor de virtudes».

As *Coplas* estão subdivididas em 34 subpartes, cada uma correspondendo a um tema enunciado em subtítulo que é depois desenvolvido normalmente em 3 ou 4 estrofes, a primeira funcionando como introdução — a apresentação da tese — e as seguintes como exemplificação. As glosas estão quase sempre relacionadas com estas últimas, pois explicam

e desenvolvem o nome das personagens apresentadas como exemplos. Estas 34 subpartes podem ser agrupadas em duas grandes divisões, que cortam o poema em duas partes iguais quanto ao número de temas abordados – 17.

Na primeira parte do poema, o autor descreve a perenidade dos bens mundanos. Na segunda, procura ajudar os leitores a alcançarem a contemplação do Bem Soberano através do exercício das virtudes.

A primeira parte ocupa 58 estrofes, mas acaba por ser mais longa que a segunda devido ao maior número de exemplos e à maior extensão dos metros. O primeiro tema trata do «contempto del mundo» em geral e inclui a Proposição e uma das Invocações do poema, aqui a *Mínerva*, a deusa da sabedoria. O segundo tema trata das leis da fortuna e o terceiro da concretização dessas leis. A partir daqui passa-se a uma enumeração dos bens mundanos, falsos e perenes, que se pretende que o leitor despreze — a mundana riqueza, a enganadora fama, as honras e dignidades não reais, as dignidades reais e imperiais, a privança, os deleites, a insigne geração, ou seja, a nobreza por nascimento, a fermosura, os filhos e a angústia causada pelos maus filhos, o povo e o seu vão amor, a florescente juventude, a força corporal, o desejo de viver longamente e os amigos.

A segunda parte das *Coplas* compreende 67 estrofes que enumeram as virtudes que permitem alcançar o único verdadeiro bem — Deus. A primeira estrofe desta segunda parte mostra o bem soberano e é seguida por uma invocação para a prossecução do poema não já a uma divindade mitológica mas à própria ajuda divina. O autor passa então à descrição das virtudes que encaminham o homem para Deus. Começa com as três virtudes teológicas (a Fé, a Esperança e a Caridade) e as quatro cardeais (Fortaleza, Temperança, Justiça e Prudência), passando depois a tratar do ócio e da solidão virtuosa, da humildade, da continência e abstinência, da misericórdia, da obediência, da paciência, da fulgente verdade, da liberalidade louvável, da constância, da clemência, do louvável silêncio, do menosprezo virtuoso, da honestidade, da verdadeira e firme liberdade e, por último, do temor e amor de Deus.

A figura retórica mais utilizada é a do «exemplum». Mais que um mero recurso estilístico, ele estrutura todo o discurso e todo o pensamento do Condestável. Através dele penetramos no seu universo mental, no seu mundo de referências culturais e respectivos valores morais.

Os «exempla», para além de serem uma forma de demonstrar melhor os malefícios dos bens mundanos, ou seja, de concretizar numa personagem real ou imaginária (mas que para o universo mental medieval têm tanta ou mais realidade que a primeira) os castigos que advêm àqueles que se apegam aos valores mundanos, a recompensa que premeia os virtuosos, ou ainda a absoluta arbitrariedade da Fortuna, servem também de pretexto para aligeirarem o texto através da inserção de pequenas histórias paradigmáticas, na tradição da narrativa medieval portuguesa. No entanto, parece-nos que o excessivo número de «exempla», cento e dois, quase tantos como o número de estrofes, e a extensão das glosas, 1233 linhas de 80 caracteres na edição de Luís Adão da Fonseca, sobrecarregam o texto com a demonstração de erudição e pulverizam o corpo do poema com sucessivas e extensas interrupções do pensamento central das *Coplas*. Mas, se o valor artístico do poema sai diminuído pela constante fragmentação do poema pelas glosas, estas são interessantíssimas para o estudo do universo cultural e conceptual, quer de D. Pedro, quer desta época de charneira entre o mundo medieval e o mundo renascentista que a cada vez maior penetração do classicismo, sem ser ainda um humanismo, já prenuncia.

Se excluirmos dos 102 «exempla» as repetições, obtemos 95. Um estudo dos universos culturais em que se inserem mostra que o Condestável vai buscar as suas personagens exemplares sobretudo à Antiguidade Clássica – 38 – e à Mitologia e Literatura Gregas (mesmo se os nomes foram latinizados) – 34. Segue-se o mundo judaico-cristão, sobretudo a *Bíblia* com 17, o mundo medieval com uns escassos 3 «exempla», 2 animais — o tigre e o elefante, que aparecem, como nos Bestiários, como animais fabulosos e, por fim, o «exemplum» das Idades do Mundo que pertence simultaneamente a vários universos de referência. É impossível,

dadas as limitações de espaço deste trabalho, efectuarmos o estudo exaustivo destes «exempla». Limitamo-nos, pois, a algumas conclusões evidentes:

— as personagens a que D. Pedro recorre para reforçar a sua pedagogia pertencem, maioritariamente – 72 –, ao mundo clássico, quer se trate de personagens reais ou fictícias.

— os «exempla» distribuem-se desigualmente pelo poema já que a primeira parte, destinada a demonstrar os malefícios dos bens terrenos, sendo a nível de estrofes a mais curta – 58 estrofes – não só inclui quase dois terços dos «exempla» – 61 – como também a mesma percentagem de glosas. Aqui predominam largamente as figuras do mundo clássico – 50 – seguidas por Deus (na Proposição), por 5 personagens bíblicas, e pelos 3 «exempla» medievais que, se já de si são escassos, se concentram todos na primeira parte do poema, com relevo para a única personalidade contemporânea do autor — Alvaro de Luna — símbolo das voltas incertas da fortuna. Na segunda parte, mais pobre em universos de referência, o mundo cristão é o único que ultrapassa o número de «exempla» da primeira — 11 contra 6, mas, mesmo assim, o total de figuras ligadas à antiguidade clássica, reais ou mitológicas, é superior – 22.

A erudição clássica demonstrada pelo autor não se limita à apresentação de tão grande número de personagens da antiguidade. Se estas são introduzidas através de um recurso retórico de gosto medieval, o «exemplum», D. Pedro recorrerá a outro traço estilístico frequente na literatura da Idade Média — a fundamentação das ideias através do recurso à autoridade por meio de citações mais ou menos fiéis, ou de simples referências, para alargar os universos de referência de que dá provas, sobretudo o da literatura clássica.

As *Coplas* contêm 71 citações ou referências, 35 das quais são de autores da Antiguidade Clássica, com relevo para os filósofos, nomeadamente aqueles que se ocupam da Ética. Surgem assim Séneca com 9 referências, Valério Máximo com 8, Aristóteles com 3, Cícero, Tito Lívio, Lucano e Ovídio com 2 e Dares, Homero, Platão, Plínio, o jovem, Posidónio, Salústio e Virgílio com 1. O mundo cristão totaliza 33 referências – 17 para a *Bíblia*, 8 para Santo Isidoro de Sevilha, 2 para Boécio, o *Flos Sanctorum* e São Gregório Magno, e 1 para São Jerónimo e a *Vida de Santa Maria Egípcíaca*. Referências contemporâneas são novamente raras — 2 de Boccaccio e 1 de Guido de Colona.

As 17 referências da *Bíblia* devem, no entanto, ser destacadas. Apesar de D. Pedro o não ter feito, Luís Adão da Fonseca consegue identificar 15. São todas citações breves, na grande maioria do *Novo Testamento*, estão em latim, e encontram-se sobretudo na segunda parte do texto, a que se destina a enumerar as virtudes que permitem alcançar Deus. Mas, o que as torna especiais é o facto de estarem isoladas e logo, por isso, destacadas do corpo do texto. Normalmente constituem uma única linha entre dois metros. Sendo em número menor que as citações ou referências a autores clássicos, a sua colocação no texto torna-as mais importantes, ganhando uma nova função mais forte, pois mais do que meras citações são «sentenças». O estudo das citações das *Coplas* mostra-nos que D. Pedro conhece mais autores clássicos do que cristãos, mas a autoridade da *Bíblia* é superior.

A doutrina das *Coplas* não é original. O tema do «contemptus mundi» é frequente na Idade Média, bem como a apologia das virtudes cristãs. Mas esta obra representa mais um avanço na penetração do classicismo em Portugal porque, se continua o espírito dos escritores de Avis, o conhecimento que o autor tem dos clássicos e mesmo da literatura castelhana e italiana é superior e permite-nos atestar quão difundida estava já a Literatura Greco-Latina na Península em meados do século XV. Mais difundida, mas ainda novidade, pois o texto, apesar de se apresentar sobrecarregado de referências clássicas, não está ainda imbuído profundamente dos seus conteúdos, maioritariamente provenientes dos valores da cristandade medieval. Por isso, o Condestável tem necessidade, para se fazer entender pelos seus leitores, de explicar, através do recurso sistemático a prosas, todas essas referências, o que Camões, um século mais tarde, já não precisará de fazer pois esse novo saber está então muito mais difundido.

As *Coplas* marcam o encontro da literatura didáctica do século XV com a poesia, que, adoptando novas formas estróficas, adquire novas funções para além das inerentes à poesia lírica e satírica, contribuindo também ela para a instauração de uma nova mentalidade, de

novos valores, onde a preocupação ética é preponderante. É uma poesia que, como a prosa dos Príncipes de Avis, pretende ajudar à fixação de novos sistemas de valores e de categorias mentais, que, se ainda têm muito de medievais, demonstram já uma religião mais interiorizada e um apreço não apenas pelos modelos morais dos clássicos, Séneca, por exemplo, mas uma admiração pelos seus modelos literários, mesmo se ainda não cultivados.

Notas

¹ SARATVA, António José e LOPES, Oscar — *História da Literatura Portuguesa*, 7ª ed., pp. 107 e 159.

² D. PEDRO de Portugal, Condestável — *Tragédia de la insigne reina Doña Isabel*, ed. revista e prefaciada por Carolina Michaelis de Vasconcelos, 1922, 2ª ed., p. 22.